

## O SETOR INFORMAL E SUA REPRODUÇÃO NO TERRITÓRIO DO SEMIÁRIDO: UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE TENENTE ANANIAS-RN.

*Autora: Anailza Feitoza dos Santos Monteiro*  
*Orientador: Prof. Dr. Ângelo Magalhães Silva*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)  
Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)

Email: [anilzafeitoza@gmail.com](mailto:anilzafeitoza@gmail.com)

Email: [angelomagalhaes@ufersa.edu.br](mailto:angelomagalhaes@ufersa.edu.br)

### GT: 04. DESENVOLVIMENTO, PLANEJAMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS NO SEMIÁRIDO.

#### **Resumo:**

As reformas neoliberais que marcaram os meados da década de 1990, o enfraquecimento das instituições de apoio à agricultura e ao mundo rural, terminou por contribuir, no Brasil para o crescimento do setor informal da economia. Outros fatores como o excesso de burocracia, a falta de capital inicial e a baixa escolaridade também colaboraram para o avanço do trabalho informal, que se utiliza de formas nem sempre lícitas para garantir sua sobrevivência. Devido a esses acontecimentos em conjunto com a incapacidade econômica do governo de gerar postos de trabalho suficientes, que esse setor aparece como alternativa de ocupação e renda, abrigando uma quantidade expressiva dos que buscam se inserir no mercado de trabalho urbano. Em Tenente Ananias-RN, trabalhadores viajam por todo nordeste brasileiro em busca de clientes para venderem seus artigos de cama, mesa e banho. Este artigo teve como objetivo analisar a expansão dessa atividade informal, com ênfase nas origens desse comércio na cidade, uma atividade que há mais de 15 anos vem garantindo o sustento de grande parcela da população. Pretendendo resgatar, de maneira exploratória, algumas ponderações pioneiras a respeito desse mercado de trabalho informal no país e sua dinâmica no semiárido Nordeste. Os resultados evidenciam que esta atividade informal, nos moldes da antiga mascateação, surgiu após o declínio da economia local de extração de minérios em meados da década de 90, onde esses trabalhadores desempregados, aprenderam a desenvolver essa atividade de mascateação para substituir a então economia mineradora.

**Palavras-chave:** Trabalho; Informalidade; Mascateação; Ocupação; Renda.

#### **01. Introdução**

As reformas neoliberais marcaram os meados da década de 1990 com forte processo de desregulação da economia, o enfraquecimento das instituições de apoio à agricultura e ao mundo rural, terminou por contribuir, no Brasil para o crescimento do que se chama de setor informal da

economia, uma área que desponta como alternativa de ocupação e renda, abrigando uma quantidade expressiva dos que buscam se inserir no mercado de trabalho, tendo em vista a incapacidade do governo de gerar empregos suficientes que atendam a população apta para o trabalho.

Some-se a isto, que apesar dos avanços na economia a partir da década de 80 no Brasil, conforme Amadeo (1994), no início da década de 1990, ocorreu um aumento nas taxas de desemprego no país. No início dessa década, mais especificamente em 1992, a taxa de desemprego estava em 7,2% e, em 2005, em 10,2%.

Atualmente, muitas cidades do Nordeste brasileiro encontram-se envolvidas num processo dinâmico em que os territórios vão adquirindo novas características e, ao mesmo tempo, vão perdendo ou mantendo outras. Nos dias de hoje, dentro da realidade econômica, surgem novas formas de produzir e dividir social e territorialmente o trabalho. De acordo com Santos e Silveira (2006), aumentam as necessidades de segmentos de trabalhos individuais e em cooperação, criando paralelamente novas profissões e diversas formas de se trabalhar; afinal, o território é revelador de diferenças de condições de vida da população nos diversos espaços do mundo e seus segmentos.

Tais processos e mudanças, certamente, podem ser explicados pelo que se chama de globalização, é por isso que concorda-se com Santos (1999, p.272) quando diz que: “ a ordem global busca impor, a todos os lugares uma única racionalidade. E, os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”

Para pesquisar um objeto, é preciso entender o espaço urbano enquanto conjunto de elementos e dimensões que o compõem – suas relações sociais e as atividades econômicas que são empreendidas no local, bem como, as estruturas sociais que são geradas e suas inter-relações. (PERICO, 2005) Por conseguinte, estudar a informalidade, em muitas cidades do Nordeste brasileiro, significa compreender as relações sociais impostas pelas transformações do mundo capitalista, especialmente aquelas em que as condições de trabalho não são amparadas pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), consideradas formas de trabalho autônomo, sem nenhum vínculo empregatício.

Nas cidades brasileiras mais precisamente no semiárido Nordestino, o trabalho autônomo informal é um fenômeno antigo. Ainda no séc. XIX, as negras que faziam iguarias e artigos de armarinho comercializavam seus produtos pelas ruas das principais cidades da época, a exemplo de Salvador e Recife. Esse tipo de atividade é tão antigo quanto à própria colonização do Brasil, com

forte influência na formação social e econômica do país: A mascateação, uma atividade comercial pioneira, desbravando o Brasil sertões à dentro, nos mais remotos vilarejos e cidadelas, era possível encontrar a prática dessa atividade. Os mascates, geralmente descendente de povos árabes que, visitando cidades do interior, batendo de porta em porta, ofereciam as mais variadas mercadorias, representa uma figura que ilustra esta atividade (GUMIERO CLEPS, 2009).

No município de Tenente Ananias, pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte, em meados da década de 1980, quando se verificou uma forte retração da produção industrial e um menor crescimento da economia Brasileira, assim como o restante do país, o município passava por uma crise financeira, provocada pelo declínio de sua base econômica, a de extração de pedras preciosas. Oliveira (2010) discorre sobre esse declínio que, segundo ela, fomentou o início do comércio informal município.

Essa atividade informal, a qual chamaremos de mascateação surgiu no período de recessão nacional, para suprir o declínio da economia mineradora que até então, era o alicerce da economia local. Embora tenha havido uma decadência da exploração de minérios, o município tem apresentado uma economia apreciável em comparação com outros municípios da região. Esse setor que vive informalmente sem pagamento de impostos e direitos trabalhistas, “tem ganhado papel de destaque na cidade como um setor de ocupação e criação de renda” (OLIVEIRA, 2010, p. 71).

Assim esse segmento é responsável por promover o sustento dessas famílias, onde os homens (em sua maioria) vendem mercadorias de cama, mesa e banho por toda região Nordeste e em parte da região Norte do país. É com base nesse contexto e nas pesquisas abordadas por Monteiro (2015) que esse estudo busca analisar a expansão dessa atividade informal, com ênfase nas origens desse comércio nos moldes da mascateação.

Os referidos objetivos nortearão a edificação desse trabalho, que estará pautado em três tipos de pesquisa: a bibliográfica, documental e de campo; sendo esta, pois, dividida em duas fases:

Na primeira fase, será efetuada a pesquisa de dados secundários, onde se realizará a pesquisa bibliográfica e documental, elaborada com base em: Pochmann (2001, 2002, 2004), Pamplona e Romeiro (2002), Mattoso (2000), Cacciamali (1982; 2000), Oliveira (2010), Monteiro (2015) entre outros; e baseada em sites como: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Confederação Nacional dos municípios (CNM), Ministério das Cidades, Organização Internacional do Trabalho (OIT), Confederação Nacional dos Dirigentes

Lojistas (CNDL), Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

Contudo, o trabalho empírico irá conduzir a realização da pesquisa; para tanto, em um segundo momento, ocorrerá pesquisa de campo de dados primários a ser realizada com um questionário aplicado diretamente com os proprietários de comércio crediário (mascates). A amostragem dessa pesquisa constituir-se-á em não probabilística por acesso, pois a via de acesso aos sujeitos da pesquisa será facilitada por uma carteira de clientes das distribuidoras locais de Tenente Ananias; e a abordagem se dará de acordo com a disponibilidade dos agentes da pesquisa em aceitar participar da mesma. A amostra será extraída com base na fórmula de Gil (2002). Sendo que do universo de 210 empresários envolvidos no setor, contabilizados pelos distribuidores locais, será colhida uma amostra de 84 pessoas.

## **02. As origens da Mascateação**

Para compreender como a mascateação se desenvolveu pelo país, é útil fixar os contornos históricos desse fenômeno que iniciou na velha Europa Feudalista, época em que a terra era a única fonte de produção e renda, os colonos viviam sobre o domínio e a exploração senhorial, estes quando viam sua família aumentar, sem ter condições de sustentar toda aquela prole, submetiam seus excedentes humanos a tomar novos rumos, a abandonarem a casa paterna em busca de novos rumos, do desconhecido, no espírito da aventura e da incerteza para se manterem longe de casa. (GOULART, 1967)

Percebe-se que a questão da posse da terra não é um fenômeno novo, desde as antigas civilizações, uma parte abastada da população já era detentora das riquezas, no caso a terra, negando o direito de igualdade aos pequenos colonos, que mais tarde vieram a se chamar de arrendatários ou até mesmo pequenos proprietários de terra. Mas, o que se chamar atenção é o fato de nessa época já existirem pessoas que, inconformadas com a exploração ou expulsas da terra, partiam para buscar o “novo”.

Porém a origem do vocábulo mascate, veio surgir mais tarde, na língua árabe, quando os portugueses, auxiliados pelos libaneses cristãos, no período entre 1507 e 1559 dominaram a cidade denominada Mascate, localizada na costa sul do Golfo de Omã (estreito que liga o mar arábico ao golfo pérsico). A região dominada tornou-se um núcleo aglutinador de mercadores das mais



variadas procedências. Os mercadores portugueses que lá negociavam, ao regressarem para Portugal, eram então denominados de mascates. Os mascates eram na época caracterizados por serem mercadores andejos. A partir de então o vendedor ambulante, aquele que comercializa andando pelas ruas, teve também esta denominação: mascate. (GOULART, 1967)

## 2.1. Os Mascates no Brasil

Estudar a figura do mascate e sua inserção na economia e no processo de povoamento do país é percorrer pelos caminhos da história da imigração brasileira desde a chegada dos portugueses nas terras tupiniquins. A frota Cabralina quando veio na investida de explorar as riquezas no Brasil e também de negociar, trouxe em suas caravelas alguns comerciantes mascates, surgindo no país o primeiro contato dessa figura com os nativos do novo mundo. (GOULART, 1967)

É notório que o país recebeu povos de diversas nacionalidades a partir do século do “descobrimento”, mas foi a partir da segunda metade do século XIX que aconteceu o grande fluxo imigratório no Brasil, dentre esses povos, destacam-se os Libaneses, pois esses vieram desenvolver em maior escala a atividade de mascateação no território brasileiro buscando melhores condições de vida.

A situação no Líbano influenciou muito na emigração dos libaneses, motivos políticos e econômicos foram fundamentais para o êxodo. O relacionamento políticos entre cristãos e muçulmanos no Líbano estava longe de ser dos melhores, os cristãos se recolhiam em montanhas onde viviam de atividades rurais. Economicamente, o século XIX foi de grave crise para libaneses e sírios, os altos impostos e a fraqueza do governo impossibilitavam condições adequadas de vida no país. Os libaneses escolheram o Brasil para emigrar, isso porque encontraram grandes dificuldades de entrar em outros países, como os Estados Unidos. Já o Brasil não impunha barreiras por causa da necessidade de trabalhadores estrangeiros que era propagada.

Fugindo da miséria econômica do Líbano, os libaneses tentaram se aproveitar da nascente industrialização e urbanização brasileira. Ao contrário dos imigrantes europeus, libaneses não vieram para o Brasil com a perspectiva de trabalhar nas lavouras de café, mas sim encontrar nas cidades as condições para o florescimento do comércio. O emprego em lavouras também ocorreu, mas em quantidade muito menos expressiva que dos europeus. Os libaneses começaram vendendo mercadorias de casa em casa e acumularam dinheiro com essa atividade, a partir daí criaram

pequenas confecções e lojas de tecidos. O sucesso no comércio que os libaneses obtiveram no Brasil foi importante para sua própria sobrevivência, assim como para seu país de origem. (DIEGUES JÚNIOR, 1964)

Pode-se ponderar pelo conhecimento histórico da formação econômica e colonização do Brasil, que o surgimento da mascateação aqui, não obedeceu aos mesmos fatores da velha Europa, pois como nossas terras eram virgens, habitada por selvagens, não houve um fator socioeconômico preexistente como lá; justamente porque não tínhamos uma economia organizada; essa atividade foi então, importada para cá, atraída pelo vasto e rico novo mundo de possibilidades que era o país, juntamente com seus colonizadores.

Sobre essa figura importantíssima na formação do Brasil Bastani (1949) relata sua saga no ingresso das terras desconhecidas:

Foram aqueles que palmilharam o árduo sertão, enfrentaram as febres, as feras, os selvagens, a natureza bravia... Foi ele quem descobriu as regiões riquíssimas e abandonadas do solo virgem... Era o mercador ambulante que levava suas mercadorias para as regiões desconhecidas para barganhar. Foram milhares desses homens indômitos, desses mascates que fundaram inúmeras e progressistas cidades. (BASTANI, 1949, p. 16)

Para esse autor o mascate, também chamado de Bufarinheiro, Regatão, Matraca, Turco da prestação, Miçangueiro e tantas outras alcunhas que lhe são conferidas, foram os pioneiros ao que temos atualmente de comércio fixo no “novo mundo” sendo responsáveis por levar aos lugares mais inóspitos algum tipo de civilização.

Esses grandes precursores da economia nacional, ao lado dos tropeiros, tiveram um papel de desbravadores no interior do país como se pode observar em Goulart (1967):

Sabe-se, porém que assim no Piauí como no Rio Grande do Norte e Paraíba, foi intensa a labuta dos bufarinheiros inclusive internando-se pelos caminhos das boiadas quando não iam no coice destas mercadejando com vaqueiros e com indígenas, levando aos currais e “sobrados”, na vastidão dos sertões nordestinos, o seu tanto de civilização e de progresso. E mais expandiu-se o mascate, naquelas províncias, após a ocupação holandesa. (GOULART, 1967, p.110)

Assim o mascate foi, ao seu tempo, um carregador de “progresso e de civilização” para as pequenas cidades, vilas e vilarejos do interior que visitava nas suas andanças perambulações comerciais, sendo, do mesmo passo, um difusor oral dos acontecimentos, um disseminador da cultura material da época, inclusive pelas casas-grandes dos engenhos e fazendas que o acolhiam. (GOULART, 1967)

## 2.2. Trajetória do comércio crediariista informal de Tenente Ananias-RN

Tenente Ananias é uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte, possuindo uma área de 223,67 km<sup>2</sup>, com uma população de 10.814 habitantes, segundo a estimativa do censo demográfico de 2017. Está situada na microrregião de Pau dos Ferros; limitando-se com os municípios de Marcelino Viera, Paraná, Alexandria e com o Estado da Paraíba. A sua distância à Natal, capital do Estado, é de 414 km. O município tem a caatinga como vegetação característica, de clima muito quente e semiárido, o seu período chuvoso é de fevereiro a maio.

Historicamente, as secas prolongadas típicas do Semiárido do Nordeste brasileiro acompanharam a trajetória das gerações de homens e mulheres que se sucederam nesse espaço e que desenvolveram características múltiplas para assegurar a sua sobrevivência em meio a essas especificidades climáticas, mas muitas pessoas em busca de melhores condições de vida partiram para o sul do país em busca de emprego e do sustento de suas famílias.

Muitas são as histórias retratadas em músicas de artistas nordestinos dessa narrativa: a clássica “Asa Branca” de Luiz Gonzaga denunciou Brasil à fora a crise hídrica nordestina; porém uma melhor descrição do momento histórico de migração que cabe aqui mencionar no texto, encontra-se no trecho de uma música de um cantor piauiense:

Só Deus sabe o quanto sofre um nordestino  
Que vê seu sonho de menino  
Se acabando pelo ar  
Ele sofre quando tem que ir embora  
A família toda chora  
Mas não pode mas ficar  
Entra no ônibus de coração partido  
Sabe que vai ser sofrido  
O mundo da desilusão...  
Eu sei que vou, vou pra São Paulo  
Mas vou deixando a minha fonte de alegria  
Deus por favor, me dê trabalho  
E a esperança de poder voltar um dia  
Ele chega na cidade grande e vê  
O quanto é duro pra vencer  
Começa logo a lembrar  
Feliz daquele que arranja um bom emprego  
Que sobra um pouco de dinheiro  
Para o norte ele mandar  
Triste do outro que a vida é só sofrimento  
Ele tenta, tenta, tenta,  
Mas não consegue trabalhar (Francis Lopes. Lamento de um Nordestino).

Os deslocamentos de população e a migração para as cidades não são fenômenos particulares da nossa época. O volume e a amplitude dos movimentos migratórios internos no

Brasil, durante o século XX, assim como o ritmo acelerado do processo de urbanização, apontam para transformações econômicas e sociais profundas que refletem no desenvolvimento do país e na estrutura da sociedade. (SOUZA, 2004)

Em Tenente Ananias, cidadezinha do interior do semiárido, essa realidade, até o final da década de 90, não foi diferente do resto desta porção do Nordeste brasileiro, o município atravessou períodos de longas estiagens e crises financeiras devido ao declínio da sua principal fonte econômica: a extração de água marinha, pedra preciosa, que por décadas garantiu a sobrevivência das famílias tenente-ananienses.

A descoberta da água marinha em Tenente Ananias, recanto do alto sertão potiguar no ano de 1943, representou e garantiu a base da economia local até o início dos anos 90. A extração do mineral teve seu auge alcançado na década de 80 em decorrência do incentivo e do apoio técnico que o governo estadual assegurava, chegando a ocupar mais de dois mil garimpeiros com uma produção estimada em cerca de três quilos da pedra por mês, tornando o Rio Grande do Norte, o maior produtor nacional de gema. (SARMENTO, 2009).

De acordo com os garimpeiros da época, com o declínio dessa exploração mineradora no final dos anos 90 e a seca que era enfrentada na região naquela época, muitos trabalhadores foram embora para o sul do país, mais precisamente para São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de emprego para o sustento das suas famílias. Chegando à cidade grande, além de enfrentarem a crise nacional do emprego, a baixa escolaridade dos mesmos foi outro problema que eles apontam como a maior dificuldade para a inserção no mercado formal.

Segundo os ex-garimpeiros, atualmente crediáristas, foi lá que surgiu o espírito de vendedor porta a porta (crediáristas), pois muitos não conseguiram se empregar formalmente no mercado de trabalho excludente, assim a solução encontrada por eles foi a venda de mercadorias porta a porta o que caracteriza a entrada desses trabalhadores, que antes viviam da mineração local, no setor informal.

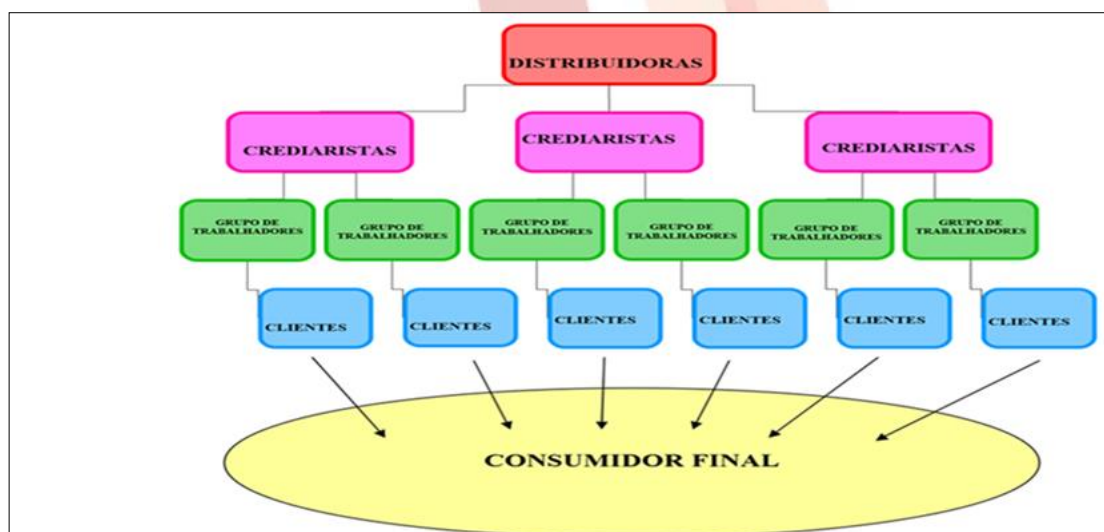
A incapacidade do município de oferecer vagas de trabalho para todas as pessoas aptas a trabalharem, fez com que ex-garimpeiros migrassem para outras regiões, principalmente o sudeste do Brasil, em busca de emprego, ou ainda que as mesmas entrassem no mundo da informalidade, em busca de rendas que garantissem o consumo de bens para a sua sobrevivência (PINTO, 2000, p. 40).



Naquela época no sul do país, apesar de toda essa dificuldade relatada por eles, muitos conseguiram acumular capitais e adquiriram bens, mas com o aumento da violência e o desejo de voltar para a terra para próximo da família, fez com que eles retornassem à Tenente Ananias para praticar aqui na região, o que aprenderam no sul. Assim surgiu o comércio crediarista, atividade que hoje, promove a economia local, gerando ocupação e criação de renda, de acordo com a pesquisa realizada por Oliveira (2010).

Atualmente, esses grupos viajam por todo Norte e Nordeste do país vendendo mercadorias de cama, mesa e banho para sacoleiras, para que estas vendam ao consumidor final. Eles ficaram conhecidos como “perfumeiros” ou “crediaristas”, pois no início da atividade o produto principal que eles vendiam era perfume, tudo isso no crediário, ou seja, parcelado no prazo, por isso a terminologia “perfumeiros crediaristas”; com o tempo o portfólio de produtos aumentou consideravelmente.

As mercadorias comercializadas por eles possuem múltipla diversificação, tais como: doces, cosméticos, perfumaria, produtos de cama, mesa e banho, sandálias, roupas masculinas, femininas e infantis, confecções de roupas íntimas e bijuterias. A média de trabalhadores por crediarista é de dezesseis pessoas, os quais são organizados em grupos de cinco ou seis e dentro desse grupo de trabalhadores um é separado para ser o motorista, outro para ser o líder, responsável pela organização e prestação de contas, vendas e cobranças feita pelo grupo. Como mostra a (figura 01) a organização da atividade crediarista no município de Tenente Ananias/RN.



**Figura 01-** organização hierárquica da atividade crediarista de Tenente Ananias-RN

Fonte: Oliveira, 2010

### 03. Conclusões

Essa fonte de renda e ocupação tem sido à base da economia local desde o início dos anos 2000, após o declínio da atividade mineradora no município, de acordo com a pesquisa, já durando, pois, 17 anos, e segundo um empresário local do ramo atacadista, José Tadeu Rodrigues, em entrevista a TV Metropolitano, 10% da população tenenteananiense está trabalhando atualmente diretamente no crediário e sobrevivendo exclusivamente dessa renda.

Essa mão-de-obra informal se classifica muitas vezes como atividade não produtiva, desconsideradas quanto ao levantamento de índices ou renda nacional. O volume de estudos é também reduzido e disperso, contribuindo para a sua invisibilidade. Profissões que envolvem deslocamento permanente, retira de quem as exerce uma identidade adequada a padrões valorizados pela elite.

De qualquer forma, essa atividade de Tenente Ananias se diferencia das muitas atividades de mascateação existentes no país justamente pelo seu modo de produção, uma vez que, o volume de mercadorias é vendido no atacado e não no varejo, ou seja, eles não destinam seus produtos aos consumidores finais, e sim a sacoleiras que irão revender o produto para eles. (MONTEIRO, 2015)

Ademais, a pesquisas realizada, comprova que essa atividade dinamiza a economia local, pois mais de duas mil pessoas estão envolvidas diretamente no comércio, gerando uma cadeia produtiva local, devido ao fato de alguns produtos serem fabricados em pequenas fabricas locais, tais como roupas e peças íntimas.

### Referências Bibliográficas

AMADEO, E.; CAMARGO, J. M.; GONZAGA, G.; BARROS, R.; MENDONÇA, R. **A natureza e o funcionamento do mercado Brasileiro desde 1980**. Rio de Janeiro: IPEA, 1994. (texto para discussão,nº353)<Disponívelem><http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoedevid/a/indicadoresminimos/suppme/analiseresultados2.shtm>. Acesso em: 26 de julho de 2017.

BASTANI, Tanus Jorge. **Memórias de um mascate**: o soldado errante da civilização. Rio de Janeiro: F. Briguiet, distribuidores, 1949.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Imigração, Urbanização, Industrialização**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**: 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2008 .

GOULART, José Alípio. **O mascate no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1967. (Coleção Terra dos Papagaios).

GUMIERO CLEPS, Geisa Daise. **Comércio informal e a produção do espaço urbano em Uberlândia (MG)**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 21 (3): 327- 339 dez. 2009.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**; tradução: Roberto Cataldo costa; revisão técnica: Dirceu da Silva.-2. Ed.- Porto Alegre: Penso, 2012

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE – **infográficos cidades**: Tenente Ananias – RN. 2009. disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em: 19 de julho de 2017.

MONTEIRO. Anailza Feitoza dos Santos. **Atividade crediária informal**: Uma análise no município de Tenente Ananias-RN. Pau dos Ferros, 2015. 109 f. Monografia (Especialização em Políticas Públicas e Desenvolvimento) – Curso de Economia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

OLIVEIRA, Maria Michelle. **Informalidade e renda**: Um estudo sobre o mercado atacadista informal de Tenente Ananias/RN, nos anos 2000. Pau dos Ferros, 2010. 83 f. Monografia (Graduação em Economia) Curso de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

PERICO, R. E. **Identidade e território no Brasil**. Brasília: Instituto interamericano de cooperação para a agricultura. 2009.

PINTO, Regina. **As consequências na economia do município de Tenente Ananias-RN provocadas pela decadência da exploração do minério**. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) -Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2000.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção .4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editor da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil - Território e Sociedade no Início do Século XXI**. 9. Ed, Rio de Janeiro: Record, 2006.

SARMENTO, Ana Maria. SOUSA, Lidia Dely Alves de. **Atividade mineradora de água-marinha em Tenente Ananias/RN**. Revista Sociedade e Território, Natal, v. 21, nº 1 – 2 (Edição Especial), p. 15 -30, jan./dez. 2009.

SOUZA, Rose Reis de. **A volta pelas ondas**: o rádio e o migrante nordestino em São Paulo. São Paulo, SP: Arte & Ciência Editora, 2004.